

JAMES ORTON

PÓSTO que educado para seguir a mesma carreira de seu pai, Dr. AZARIAH GILES ORTON, cujos conhecimentos teológicos os contemporâneos gabavam, JAMES ORTON, antes de aceitar os compromissos de pastor de almas, empreendeu viagens de estudos pela Europa e Oriente, onde se lhe esmoreceram os pendores religiosos.

A pouco e pouco foi infletindo para outros rumos, de sorte que, por volta de 1866, ao comemorar o 36.º aniversário, pois nasceu em Nova York, a 21 de abril de 1830, a Universidade de Rochester confiou-lhe a incumbência de auxiliar do ensino de ciências naturais.

Decorridos alguns meses, a "Smithsonian Institution" organizou arrojado plano de explorações das regiões equatoriais, dos Andes ao Amazonas, da qual participou o egresso da teologia.

Afigurava-se uma réplica à famosa "Thayer Expedition", que L. AGASSIZ chefiou, pouco antes.

Com auxiliares do quilate de C. F. HARTT, que se deixou empolgar por assuntos brasileiros até o último dia de vida, o sábio suíço, transfigurado em cidadão americano. mediante naturalização, ampliou à América do Sul a teoria da glaciação, de sua preferência.

Lobrigava provas concretas de tal doutrina por tôda a parte a que fôsse, da Amazônia ao Rio de Janeiro.

Antes que o mais ilustre colaborador de AGASSIZ lhe restringisse o alcance das hipóteses, contraditadas por fatos geológicos, coube à expedição de 1867 apresentar os primeiros argumentos que lhe desmantelariam as concepções.

Em julho, começou ORTON os seus trabalhos, em companhia de diligentes parceiros, empenhados igualmente em recolher observações confirmatórias ou infirmativas da teoria do glaciário amazônico.

Atravessou o istmo de Panamá e, por Guaiquil, alcançou Quito, donde partiu a 30 de outubro.

À distância de quarenta milhas, conheceu o vilarejo indígena Papallacta, que "is a thousand feet higher than Quito, yet vegetation is more tropical. Its name signifies—the potato country — but not a potato could we find here".

Em continuação, marchou para o Napo, que roteou até a sua barra, para poder conciderá-lo o maior rio da República, pois que de sua nascente, em Cotopaxi, à barra no Maranhão, o seu comprimento regula por 800 milhas, ou cerca do dôbro do Susquehanna.

De navio, seguindo ao som da corrente, percorreu grande parte da Amazônia, até saltar em Belém do Pará.

De sua alongada peregrinação voltou com as observações enfeixadas no volume — *The Andes and the Amazon, or across the continent of South America*.

Logo no prefácio, não titubeou em afirmar: "Nearly the entire region traversed by the expedition is strangely misrepresented by the most recent geographical works.

On the Andes of Ecuador we have little besides the travels of Humboldt, on the Napo nothing, while the Marañon is less known to North-Americans than the Nile".

Quanto à geomorfologia, tudo se lhe afigurava contestar as conclusões de AGASSIZ, acêrca das quais se manifestaria imparcialmente o próprio C. F. HARTT em sua *Geology and Physical Geography of Brazil*, dedicada, aliás, ao mestre acatado.

"É com muita hesitação que expresso uma opinião discordante de uma autoridade tão notável como o professor AGASSIZ, mas os fatos parecem necessitar uma interpretação diferente da que êle tem dado", afirmava o insigne geólogo.

Contemporaneamente, ainda declararia, em comunicado de Belém para um de seus jornais, de cujas páginas transcreveu o Boletim do Museu Paraense, logo no primeiro número.

"Nada diria sobre a falta de harmonia entre alguns dos meus resultados geológicos e os do Dr. AGASSIZ se não tivesse o receio de injuriar o meu honrado professor pelo meu silêncio. Êle não baseou a sua teoria da estrutura do Amazonas inteiramente sobre os seus próprios estudos. Informações incorretas o enganaram. Eu não tenho visto vestígio nenhum da ação das geleiras no vale do Amazonas. O Dr. AGASSIZ pensava que achou. Se êle tivesse visto a metade dos fatos que felizmente eu achei, estou persuadido não tinha proposto a sua teoria".

Assim se expressava o aluno laureado, ainda encantado pelos ensinamentos do seu douto mestre.

ORTON, porém, não viera à Amazônia em companhia de AGASSIZ, e não se julgava tolhido para julgar as falhas da doutrina insustentável.

Acumulou observações que a negavam, oferecendo elementos de singular valia para os que impugnavam a teoria agassiziana.

Ao cabo, saíra vitorioso, ao contestar a ação glacial da formação da Amazônia.

A competência que revelou na especialidade o indicou para reger a cadeira de história natural no Vassar College, desde 1869.

No exercício da sua cátedra, mas enfeitado pelos aspectos de paragens desconhecidas, empreendeu segunda viagem à Sulamérica, do Pará, pelo Amazonas, até Lima e Titicaca, onde se ocupou de etnologia incásica.

"In giving my voyage up the Great River to its source among the Andes, afirmaria então, I shall touch only at representative points, and confine mainly to such commercial and industrial facts as will be likely to interest the practical man".

E anotaria, de passagem: *"from Para to Santarem, the first town of importance, is 543 miles"...* *"From Santarem to Manaus the Capital of the upper province of Amazonas and the second city in magnitude on the river, is 460 miles".*

Não encobriu as falhas da localidade, embora lhe realçasse as feições atraentes.

"On the left bank of the dark Rio Negro, ten miles from its junction with the Amazon stands the St. Louis of Brazil, the city of Manaus". "The site is admirably located for either residence or commerce"... *"It is uneven and rocky, twenty feet above high-water mark. The forest scene is peculiar"...* Não obstante, *"agriculture, as every where on the Amazon, is dead; even farine, the bread of the land, is imported from Para, although this is the mandioca country".*

Ainda uma vez tornaria à Amazônia, quando organizou, em 1876, a terceira expedição, para explorar o Beni, um dos formadores do rio Madeira.

Em La Paz, organizou a comitiva, secundado pelo Dr. IVON HEATH.

E atendendo às sugestões do Dr. JUAN F. VALVERDE, que lhe indicou por mais favorável, o roteiro Mamoré, via Chaparé, navegou até Guajará-Mirim, onde se lhe sublevoou o pessoal. sob o pretexto de carência de mantimentos para arrostar a subida pelo Beni.

Na realidade, a tripulação teve receio de empreender-lhe a navegação ao arrepio da correnteza e desistiu da tarefa para a qual fôra contratada.

Baldaram-se-lhe os planos, à mingua de colaboradores e teve que palmilhar o caminho de regresso a La Paz, alongado por seissentas milhas aproximadamente.

Em companhia do Dr. IVON, atravessava angustiado, o Titicaca, a bordo da galeota Aurora, quando sucumbiu, em meio do lago navegável à maior altitude do mundo.

Em honra do geógrafo, emudecido quando se dirigia a Puno, o seu nome seria dado a um dos afluentes do Beni pelo Dr. EDWIN HEATH.

Irmão de IVON HEATH, ao terminar o contrato com a empresa construtora da E. F. Madeira-Mamoré, de que era médico, resolveu explorar o Beni, das nascentes à barra, em vez de sulcá-lo em sentido inverso, como pretendia ORTON.

E a dois afluentes novos, que não eram ainda representados nos mapas, deu os nomes respectivamente de ORTON e IVON.

Mais carinhosa homenagem prestariam os alunos do Vassar College onde lecionava.

Com o resultado de uma subscrição, que promoveram para custear as despesas necessárias, tomaram a iniciativa da construção evocativa.

E na mesma ilha, em que fôra enterrado, inaugurou-se, por ocasião do 44.º aniversário do seu falecimento, expressivo monumento, em que se gravou a inscrição:

"En memoria de JAMES ORTON, sabio norte-americano, autor, profesor, explorador de la America del Sur, que murió, cruzando el lago Titicaca, el 25 de Septiembre de 1877 y cuyos restos reposan bajo este mausoleo erigido por las ex-alunas de Vassar College".

VIRGÍLIO CORREIA FILHO

